

A SEMANA

CORTE

Trimestre..... 24000
Semestre..... 48000
Anno..... 88000

PROVINCIAS

Semestre..... 48000
Anno..... 88000

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Gerente -- F. d'Almeida | Proprietario e director -- Valentim Magalhães | Secretario da red. -- A. Mendes

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA -- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATRAZADO 200 RS.

SUMMARIO

Expediente.....	
Rodolpho Bernardelli....	« A SEMANA ».
Historia dos sete dias.....	FILINDAL.
Seis vocabulos.....	GONZAGA FILHO.
A estatua de carne.....	H. DE MAGALHÃES
Correio litterario.....	L. DE MENDONÇA.
Sport.....	L. M. BASTOS.
No collegio.....	V. MAGALHÃES.
Sonetos a premio.....	ORAC.
Politica e politicos.....	BIBIANO.
Cofre das graças.....	FR. ANTONIO.
Tratos á bola.....	P. THALMA.
Theatros.....	
Factos e noticias.....	
Collaboração, <i>Semper</i>	A. DE CASTRO.
Recebemos.....	
Anuncios.....	

EXPEDIENTE

Para boa ordem nas relações do publico e dos nossos assignantes com *A Semana*, declaramos que todas as communicacões litterarias, bem como as consultas, devem ser dirigidas—ao director; as que forem concernentes á administração — ao gerente; o quaesquer pedidos de informacões ou de pequenos serviços a Redacção, bem como cartas de convite, cartões de ingresso, etc.—ao secretario da redacção.

Os senhores que vierem ao nosso escriptorio e tomarem uma assignatura d'*A Semana* por todo o proximo anno de 1886 terão direito a um dos seguintes premios, á sua escolha:

VINTE CONTOS, por VALENTIM MAGALHÃES.—Este livro, que se está imprimindo nas officinas d'*A Semana*, foi expressamente feito para ser distribuido como premio aos assignantes d'esta folha. Conterá mais de duzentas paginas em superior papel, com uma capa de fantasia.

NÃO SERÁ POSTO Á VENDA.

Assim, os que tomarem uma assignatura d'*A Semana* por um anno, e somente esses, terão direito a um exemplar d'essa obra, que, a ser vendida não o seria por menos de 38000, o volume.

AURORAS, versos, por Alfredo de Souza; encadernação de luxo.

A CAVEIRA DA MARTYR, celebre romance de Canillo Castello Branco, em 3 volumes.

MARGARITAS, poesias da distincta poetisa D. Adelina Amelia Lopes Vieira; um bello volume.

Aos senhores assignantes de seis mezes daremos como premio UMA MU-

SICA, inedita, especial e expressamente composta para esse fim; QUATRO POEMAS, por Luiz Murat, ou um exemplar das AURORAS, brochado.

N. B.— Os senhores que assignáram *A Semana* por um anno, a terminar em Dezembro de 1885 receberão, segundo promettéramos, um exemplar dos VINTE CONTOS.

São agentes d'esta folha os Illus. Srs.: Em S. Paulo—Dolivaes Nunes.

Em Ouro Preto—Fabricio Ignacio de Andrade.

Em Campos—Antonio Ferreira Martins Filho e Raül de Bellido.

Em Valença—Gomes Cardim.

Na Paralyba do Sul—Verissimo Pacheco.

O Sr. Leonel Guerra é a unica pessoa por nós encarregada de agenciar assignaturas nas provincias.

Tem todos os poderes para representar esta folha.

A SEMANA

Rio, 7 de Novembro de 1885.

R. BERNARDELLI

O nosso original e brilhante collaborador artistico Belmiro de Almeida já nos fez entrega do retrato, á penna, de Rodolpho Bernardelli, com que *A Semana* resolveu brindar os seus assignantes.

Diremos do excepcional valor d'este novo trabalho de Belmiro de Almeida quando o dermos á estampa, o que será talvez no proximo numero.

A SEMANA

HISTORIA DOS SETE DIAS

Os sete dias da nossa semana não se contam pela forma ordinaria—de domingo a sabbado: contam-se de sexta a sexta-feira, pois que no sabbado pela manha, nial a aurora, com os celebrados dedos cor de rosa, rasga o horizonte etc., etc., já a *historia dos sete dias* deve estar sob os formosos olhos das leitoras. (Os olhos das leitoras, mesmo das veigas, mandam a decencia e a praxe que sejam sempre formosos), deliciando-as com as irradiacões do nosso espirito scintillante e fugaz.

Dado este cavaquito preambular, em respeito aos usos, entremos francamente em materia, com desassombro e coragem, como se fomos os doze de Inglaterra com o gran Magriço e tulo.

Começou, pois, a nossa semana por um tufão que assustou algumas meninas da cidade nova e derrubou algumas taboletas da velha.

Este diabo d'este tufão, de quem nós esperavamos, pelo menos, algum desastre de vulto, sem perda de vidas, já se sabe, sahiu-nos um tufão de terceira ordem, desageitado e fraco. Aquillo não foi mais do que algum Favonio mal recebido pela fagueira Brisa a quem arrastava a aza, que deitou desespero por esses ares, enquanto Boreas, do alto, se escangalhava de riso com a caterva dos euros.

O cruzador *Almirante Barroso*, no sabbado pela manha foi continuar para o oceano as experiencias que da outra vez o fizeram encalhar tão a proposito das necessidades da chronica.

Dizem as noticias dos jornaes que d'esta vez o benemerito cruzador não encalhou nem nada.

Não sabemos para que diabo possam servir então os cruzadores: quando nem para encalhar elles servem...

Estamos roubados!

E o tal Sr. João Ignacio Teixeira da Motta, que em Maio do anno passado recebeu de José Leite Teixeira Carvalho 400\$ pela liberdade de uma sua escrava e calou-se muito caladinho com escrava, dinheiro e tudo, sem dar satisfações a ninguem?!

Que bello character o d'este Motta para a colleccão do Samuel Smiles.

O Dr. Carijo, ao conhecimento de quem foi levado o monstruoso factio, deve empregar todo o rigor da sua loira péra contra este sujeito digno de uma autopsia psicologica de Zola.

Já que fallamos em Zola, já que o nome mais glorioso do romance contemporaneo nos cahio do bico da penna, sempre queremos dizer aquelles dos nossos numerosos admiradores que não leram o *Jornal* de sabbado, que o grande organ reclamou nesse dia providencias da policia contra uma malta de vendedores de jornaes que todas as manhas occupa a rua do Ouvidor na esquina da de Gonçalves Dias. Diz o *Jornal* que os moradores se queixam de um *coro infernal* ou talvez *Wagneriano* cantado pelos taes vendedores, mas, continua—« O que mais os mortifica, é que, nos intervallos da cantoria, os nossos vendedores exgotão o vocabulario brejeiro como se fossem todos entusiastas e sectarios da escola de Zola.»

Vejam que idéa faz este feliz pachiderme da obra maravilhosa de Emilio Zola.

Este diabo do que precisa é de uma cabeça nova.

Mais um desfalque nos cofres de uma repartição publica. O thezoureiro interino do correio geral, Salvador Joaquim Pires, que todos affirmam ter sido sempre um moço de caracter immaculado, que muitas vezes deu sobejas provas de honradez—desappareceu. A parte sentimental d'esta desgraça não nos compete a nos apprecial-a. O crime foi praticado e o criminoso evadio-se.

Dizem-nos que o pac do evadido é riquissimo e que estimava muito o filho. Não se comprehende que um homem rico deixe arrastar um filho pela ultima deshonra, tanto mais que com esse filho fica egualmente enlameado o nome da propria familia.

Uma commissão de empregados do correio e do thesouro está procedendo a rigoroso exame na escripturação. Consta que o desfalque encontrado já passa de 60:000\$.

Mais uma tremenda desgraça encheu de consternação uma respeitavel familia d'esta corte e levou o desespero e o panico a um bairro pacifico qual o da rua do Costa pelas immedições da de S. Joaquim.

Foi o caso que os mestres, officiaes e empregados da fabrica de tecidos do Rink, tendo-se adrede mancomunado, teutaram no dia 1 contra a vida do gerente da referida fabrica, o Sr. Frederico Glette, offerecendo-lhe, no meio de uma manifestação ruidosa—um retrato a oleo.

Varias pessoas que accudiram ao logar do delicto conseguiram salvar o Sr. Glette, emquanto a sua familia, sollicita, amarrava o monstro a oleo numa parede da sala de visitas.

Não sabemos quando a policia poderá ter attribuições sufficientes para obstar a estes attentados, que põem diariamente em risco a vida ou, pelo menos, a tranquillidade dos cidadãos pacificos, que têm a desventura de ser subdelegados ou directores de fabricas.

Quando a gente pensa que vac ter uma velhice tranquilla, porque a auzenza de escandalos e de casos extraordinarios como que adormec o espirito publico, e nos livra, portanto, de preocupações e cuidados, é que desaba por sobre o verdissimo alpendre da nossa esperança um facto d'escacha pecegheiro:

O caso narrado pelo *Correio de Campinas*, (a quem, de passagem, agradecemos as amabilidades com que nos tem honrado) o caso de bigamia denunciado pelo padre Senna Freitas ás autoridades de Poços de Caldas, é um d'esses casos que obrigam um chronista delicado aos mais exquisitos tregeitos antes que saiba por onde lhes ha de pegar sem offender escrupulos proprios e alheios.

Um individuo casou com uma individuo; ao fim de dezoito mezes de experiencias reconhecem que a individuo era muito mais individuo do que elle. Por via de que processo engenhoso chegou elle a descobrir semelhante cousa apenas dezoito mezes depois das nupcias, que a noticia não explica. A alavanca de Archimedes foi uma util descoberta, que abriu á sciencia horizontes novos e rasgados. A descoberta que fez este marido, como a da alavanca, pôde tambem trazer muita luz ao seculo.

O que, porém, é preciso fazer quanto antes, é obrigar o homem a revellar o

processo; a dizer se para conseguir tal fim elle se servio d'este ou d'aquello meio. Porque a questão dos meios, no caso vertente é muito importante.

Um homem não pode apresentar simplesmente o resultado bruto d'esta ou d'aquella experiencia; precisa explicar que meio foi que seguiu para chegar a tal fim; e isto agravado pela circumstancia de ter durado a experiencia dezoito mezes, circumstancia prejudicada por esta outra: serem dezoito mezes duas vezes nove, o que na vida de um casal regular significa, em condições normaes, provavel ou quasi certo accrescimento no reenciamiento geral do Imperio, e consequente modificação na estatistica.

Uma mulher que leva o seu atrevimento até o ponto de ser mais homem que o marido, deve ser muito dura de roer, convimos; mas uma vez que esse marido a roeu, durante anno e meio, o seu dever é aguentar-a todo o resto da vida e não ir procurar a cunhada para se divertir.

Tanto mais que, ao que se pôde suppor, a cunhada preferida não tinha nada mais do que a outra. Antes pelo contrario.

Nada; não. O *Correio de Campinas* precisa explicar-se claramente sobre este facto. Nós queremos saber que demonio é que tinha a primeira esposa para ser menos mulher que a segunda, e mais homem que o proprio marido.

A sciencia reclama esclarecimentos e o jornalismo é soffrego.

Precisamos entrar no amago da questão.

FILINDAL.

SEIS VOCABULOS

Encontramos, nos dictionarios portuguezes, seis vocabulos, sobre os quaes emittirei minha opinião, afim de que alguns sejam desprezados e outros preferidos pelos que se esmeram em bem fallar e escrever.

São os seguintes:—*potro*, *potra*, *potranca*, *potranco*, *poldro*, *poldra*. Examinemol-os:

A significação classica de *potro* é—*eculeo, cavallete de atormentar, poste de supplicio*. Sei que tambem é empregado na significação de—*cavallo novo até a idade de quatro annos*. Insisto, porém, em sublinhar, que os grandes mestres da lingua multiplicam, em suas obras, exemplos daquella primeira significação—«*Soffra no potro asperrima tortura*», etc., etc.

A palavra *potra* é, não só rasteira, como desusada; significa—*hernia intestinal* e com similhante significação deve ser de todo esquecida. A technica scientifica perfectamente a dispensa e os que a empregam, como substantivo feminino de *potro*, significando *egua nova*, são verdadeiros pobres de espirito e de vocabulario.

A palavra *potranca* tenho ouvido e lido muitas vezes, como feminino de *potro*, isto é, significando *egua nova*. Não é, porém, portugueza, nem necessaria. É genuinamente hespanhola. «*POTRANCA: s. f. la yegua que no pasa de tres años.*»

Na pagina 1383 do dictionario de Caldas Aulete leio: «*POTRANCO: s. m. (Brazil) a cria da egua quando tem de um a tres annos*»

Si ha no Brazil quem empregue *potranco*, é com certeza qualquer exquisitão muito ignorante, e não são estes que formam a verdadeira lingua de qualquer paiz.

Poldro é um substantivo masculino, portuguez de primeira agua, significando:—*cavallo novo até a idade de quatro annos*. Só é empregado nessa accepção, e quem ouve a euphonica palavra, logo se lembra desse mesmo significado.

Poldra, que tambem significa—*vara nova, rebento do pé da arvore*, é substantivo feminino, com o qual designa-se—*a egua nova até a idade de quatro annos*.

Accrescentarei que ha, em portuguez, os adjectivos—*poldro*, *poldra*, significando—*novo, boçal, sem ensino*.

Os que leram com attenção o que acima escrevi e tiverem boa orientação litteraria, devem conmigo concordar e seguir meu exemplo.

Para mim as palavras—*potranca*, *potranco* e *potra* devem desapparecer da lingua e ser condemnadas nos dictionarios. *Potranca*, por ser hespanhola e desnecessaria; *potranco* por ser uma invenção de muito mau gosto e egualmente desnecessaria; *potra*, por ser desusada, estúpida e anti-scientifica.

Restam-nos as palavras—*poldro*, *poldra*, e *potro*. Eu só emprego *potro* na accepção classica, isto é, *cavallete de atormentar, poste de supplicio*; *poldro*, substantivo masculino, significando—*cavallo novo até a idade de quatro annos*; *poldra*, substantivo feminino, significando—*egua nova até a idade de quatro annos*; finalmente os adjectivos *poldro*, *poldra*, significando—*novo, boçal, sem ensino*.

Nos seguintes periodos apresento diversos exemplos, com variantes applicações:

— Este homem por haver vendido uma *poldra* foi preso a um *potro*, surrado como si fosse um *poldro* e as autoridades tão *poldras* se mostraram, que riram do facto e nem pareciam indignadas.

— Não ha *potro* que faça um *poldro* adquirir a mansidão de uma ovelha; nem *poldra* que não goste de saltar livremente; *poldros* são os que investirem contra a ordem natural.

GONZAGA FILHO.

A ESTATUA DE CARNE

E' bella, sim; formosa: emmudecida, encanta!
E' alguém que busca ouvia, a suppor que enlouquece
De amor,—esp'rança vã!—com sua voz se espanta!
Sua falta a paixão mais fervida arrefece.

Oscul-a é beijar a ephygie de uma santa,
A lapa de um sepulchro onde o morto apodrece...
E, emtanto, se um pintor visse belleza tanta,
Monumental primor ao mundo talvez dêsse.

Nem um fremito abala esse prodigio mudo,
Não palpita meu peito ante as bellezas fatuas!
E' bella? sei que é bella e muito; mas... que importa?!

Tem sangue? tem calor? ... Não tem; falta-lhe tudo!
Só Phydias,—da esculptura o rei, que amava estas,—

Poderia adorar a formosura morta!

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

CORREIO LITTERARIO

«O FLOR», COSTUMES BRAZILEIROS, POR GALPI: RIO DE JANEIRO, 1885; 1 VOL. EM 272 PAGINAS.

Graças á fortuna que é com um livro brasileiro que abre a modesta resenha bibliographica hoje instituida na *Semana*, sem prevenções de especie alguma, nem pessoas, nem d'eschola, sem prevenções nem compromissos, e, por maxima felicidade, sem preambulo.

O Flor é um singelo episodio da vida fluminense, no littoral banhado pela bahia de Santa Cruz, nos primeiros annos que se seguiram á Independencia.

O protagonista, Florindo, que por graciosa abreviatura toma o nome que serve de titulo ao romance, é um homem do povo, pequeno lavrador de profissão e, por devoção, pescador, furriel da guarda nacional, maniaço da *militança*, amigo da gente do Cabuçú e apaixonado de ambas as filhas do Carapáu.

Estas, a Maria das Dores e a Maria da Conceição, são duas raparigas de truz, por quem an lam accesos os namorados do logar, o Flor, o Maneco da Figueira e o Tóco.

Entre as fazendas do Goiabal e do Cabuçú, propriedades do coronel e do capitão-mór, os principaes da terra, desenvolve-se o idyllio roceiro dos amores do Flor, que primeiro a-lejam sem escolha entre as filhas do Carapán e da Sinh'Anna até que, por mediação da casamenteira Nhãnhã, se fixam finalmente no noivado com a Conceição.

A amorosa trama é entretecida de episodios da vida da roça, que constituem o melhor do livro—a pictoresca pescaria da Paciencia, o café em casa do Flor, o jantar e o passeio da tarde no Cabuçú, onde ha a bonita lenda do coração aberto na pedra, e, por fim, o *chiba* do Zeferino.

Durante a *função* em casa d'este, o Maneco da Figueira, que é um desalmado diabo e se ajustára com outro da mesma laia, leva a effeito o rapto da Dores e a transporta para a ilha do Jorge-Grego.

Lá os vão encontrar, como salvadores um tanto espectaculosos, o Flor e o Toco: o primeiro vára o Maneco com uma estocada, no exactissimo momento em que este « atirava o salto do tigre » para a Dores; o segundo despacha-lhe, com um tirazão, o medonho socio, o Peito-Roxo.

Com este simples assumpto consegue *Galpi* entreter a attenção do leitor durante duzentos e setenta paginas, a despeito de todas as fraquezas da sua fórma litteraria, da cançada vulgaridade dos conceitos, do máu gosto de alguns incidentes, como a descripção da mesa-de-jantar do Cabuçú, e de todos os rasgos moraes e religiosos com que lardêa a narração.

No capitulo do máu gosto, não pôde passar sem nota o abuso da letra grypha, que o auctor emprega não só para as alcunhas e brazileirismos, mas tambem para todo nome proprio: assim, rara, contada é a pagina que a não tenha e com profusão. Defeito secundario, sem duvida, mas desagradavel em obra d'arte e em livro de tão primorosa execução typographica.

Mas lê-se o romance com agrado e ás vezes com enlevo: tem movimento, tem

naturalidade, tem vida: tem, principalmente, deliciosa cor local.

Galpi, de quem pela primeira vez leio e que não sei quem seja, tem o dever de continuar a escrever livros de costumes brazileiros. Para quem sabe observar como elle, a mina é opulenta: dá, com fartura, para a gloria de muitos nomes litterarios.

Valença, 2 de Novembro de 1885.

LUCIO DE MENDONÇA.

SPORT

As corridas do ultimo domingo, realisadas no hippodromo do *Derby-Club*, foram esplendidas e muito applaudidas pela grande massa de povo e de socios que as presenciou.

Começaremos pelo 6º pareo, grande premio Rio de Janeiro; 3200 metros, 5:000\$ ao primeiro, 1:200\$ ao segundo e o terceiro livrando a entrada; no qual pareo *Taillefer* em 221 segundos chegou em primeiro logar, *Coutesse d'Olonne* em segundo e *Damietta* em terceiro.

Como isto foi ainda não está sufficientemente explicado; em todo caso é fora de duvida que *Damietta* corre perfeitamente em 215 segundos, não havendo quem ignore suas superiores qualidades, assim de velocidade como de fundo.

Logo na sahida nos admirámos de *Taillefer* dobrar a primeira curva com bastante luz e parecendo que *Damietta* havia disarrado. Continuando a corrida, nada vimos que demonstrasse a, aliás reconhecida, pericia de Alfredo Toon, e *Damietta* foi por este dirigida de modo tão atrapalhado que nem sabemos como alcançou o terceiro logar.

Não insistiremos nesse pareo e apenas registraremos, com bastante dor, a lamentavel queda do velho jockey Luff, que pouco tempo sobreviveu, tendo seu fallecimento sinceramente consternado a todos os amadores das corridas a cavallo.

Bitter, em 83 segundos, ganhou o 1º pareo, de 1200 metros, e foi muito bem montado por Jorge Luff.

Avictoria de *Phrygia* (1000 metros em 108 segundos), foi facil e apenas pôz em relevo a superioridade de *Boreas*, que venceu a *Nana* e alcançou o 2º logar.

Causou surpresa que *Regalia* tivesse perdido os 1750 metros do 3º pareo, que foi ganho por *Bayocco* em 123 segundos.

Dora, apesar de mal montada, venceu os 1450 metros do 4º pareo e no 5º coube a victoria a *Boreas*, que percorreu os 2000 metros em 138 segundos.

A sahida do 7º pareo não foi das melhores. Felizmente *Aspazia* teve sobra para em 64 segundos fazer 1000 metros.

O ultimo pareo realisou-se sendo já bastante escuro, mas ainda assim e apesar dos 61 kilos, *Eucharis* enxergou perfeitamente o vencedor.

Durante todo o divertimento reinou a melhor harmonia e tendo-se effectuado a definitiva inauguração do *Derby* com todas as suas decorações e seus dois pavilhões lateraes. O tempo esteve amenissimo; se fez sol, soprou sempre uma agra level viração.

Deve amanha realisar sua corrida de inauguração a sociedade *Hippodromo Guanabara*.

É de esperar que seja grande a concurrencia e fazemos votos pela prosperidade de mais essa distincta sociedade de corridas.

Apertamos a mão da digna directoria do *Derby-Club* pela iniciativa que tomou de subscrever 1:000\$ em favor da desventurada familia do velho Luff, fazendo ao mesmo tempo um appello a todos os corações generosos e a todas as outras sociedades congeneres.

Luff era bem merecedor de tão philantropico acto, pois sua honradez como jockey era reconhecida e não consta que houvesse vendido corridas, como tantos outros que d'isso são accusados muito frequente e justamente.

Em vez d'isto, o que todos sabemos, é que até a ultima hora conservou-se honesto trabalhador, pagando com a vida a temeridade de executar corridas sobre corridas, a despeito de sua pouca saude e avançada idade.

L. M. BASTOS.

NO COLLEGIO

(TRADUÇÃO DE VALENTIM MAGALHÃES)

Ha meninos, nas escolas,
Sempre banhados em pranto;
Os outros ás cabriolas,
Elles — quietinhos num canto.

As blusas—sempre decentes,
As calças—em bom estado,
Os sapatos—reluctentes;
Um ar sério e delicado.

Os collegas mais edosos
Os chamam, rindo — meunias;
E os perseguem, maliciosos,
Com suas troças ferinas.

Se os seus brinquedos lhes pedem,
Aos seus pedidos instantes:
Bolas, piões, tudo cedem;
Não ha de ser negociantes.

Se o mestre os olha — estremecem;
Temem-lhe a sombra, assustados...
Melhor fóra não nascessem:
A infancia os faz desgraçados.

Ventaleiro inferno — a classe!
E a lição? — duro inimigo!
E se o mestre lhes ralhasse?!
E a vergonha do castigo?!

Quantos martyrios! De dia,
E o sino rouco, medonho!
E á noite a mudez sombria
Do dormitorio tristonho.

Nos lenções bate e esmorece
O baço clarão das lampas;
Todos resonam: parece
O vento a gemer nas campas.

E todos dormem, affeitos
A esse dormir de caserna;
Porém elles, nos seus leitões,
Pensam na casa paterna,

E no domingo, — coitados!
Lembram o tempo saudoso
Em que dormiam, deitados
Em fofa berço amoroso,

Sob os maternos carinhos.
E as mães, que o somno velavam,
Iam tiral-os dos ninhos:
P'ra suas camms os passavam.

Oh, mães, culpadas asentes!
Em um desterro infinito
Lhes pareceis. A estes entes
Falta o vosso olhar benedito.

Ingratos! Elles, chorando,
Pensam em vos! E, de brucos,
O travesseiro abraçando,
Abafam nelle os soluços.

SULLY PRUDHÔME.

SONETOS A PREMIO

Publicamos em seguida, de accordo com o que dissemos no nosso ultimo numero, os sonetos que pelo jury por nós eleito foram julgados merecedores dos tres premios por esta relação offerecidos. Como se verá, foram escolhidos: para o primeiro lugar o soneto de n. 32, assignado M. V., cujo auctor ignoramos quem seja, e que occupava na collecção o 32º lugar; para o 2º o de Soares de Souza Junior, e que tinha o n. 24; para o 3º o de Alberto de Oliveira, e que tinha o numero 23. Publicamos tambem o soneto de Henrique de Magalhães, porque, embora não houvesse sido escolhido, teve os votos de Lucio de Menlong e Affonso Celso Junior e foi mencionado por D. Adelina Vieira.

Haveremos tambem de publicar, nos seguintes numeros, os sonetos que, não tendo alternado os logares a premio, foram contudo, mencionados com louvor pelos juizes.

Como curiosidade muito de ver-se, como modelo no genero, daremos no proximo numero o soneto n. 16, que foi unanimemente considerado — o peor dos 15 que concorreram.

Para instrucção completa da maneira por que foi julgado o certamen, publicamos, taes como as recebemos, todas as cartas que nos escreveram os illustres juizes.

E, terminando, agradecemos-lhes a gentileza com que aceitaram e desempenharam a incumbencia, nada facil, que a *Semana* lhes confiou.

No nosso proximo numero abriremos um novo concurso litterario, mas d'esta vez para um trabalho em prosa.

Cedemos, agora, o lugar com todo o prazer e com a respeitosa curvatura da nossa admiração aos inspirados poetas encedores:

N. 1

VICTOR HUGO

Vozes do mar, longas e tormentosas,
Das vagas e dos ventos ululantes,
Quero cantar convosco dos gigantes
O gigante maior: — ás sonoras

Cordas da lyra vinde; e vós, aflantes
Brisas, que em beijos desfolhaes as rosas;
D'azas de borboletas amorosas
Leves rumores; vozes suspirantes

Da tarde, vinde! O verso heroico e nobre,
O carne brando, harmonioso e terso
De Hugo quero cantar na lyra pobre.

Vindes em vão: — Da sua Musa um verso,
Um só verso dos seus abafa e cobre
Todas as harmonias do Universo!

M. V.

N. 2

VICTOR HUGO

Traça *Les Chatiments*. No olhar meditabundo
É grande como o Eterno o genio relampéa;
Na fronte um odio santo o sobreceño arquêa,
Odio que raios faz, — raios que ferem fundo!

Ouve-se lá por dentro o fervilhar profundo
Das estrophes-punhaes... E o mestre as delinea,
E alinha-as uma a uma, obedecendo á idéa
De vingar a justiça, a patria, e Deus, e o mundo!

Mas abre-se uma porta e surgem dois anginhos...
O Mestre os vê e os chama... e esquece entre carinhos
O ardor da punição que o odio lhe inspirou!

São tres creanças, são!... Que risos bons e francos!
Mais que as outras sorri a dos cabellos brancos...
Lê-se naquelle riso a *Arte de ser atô*.

SOARES DE SOUZA JUNIOR

N. 3

SUBINDO A MONTANHA

É um grande monte vi soberbo, em meio
De outros montes. E alguém me disse: «Aquelle
Que lá vês e é mais alto é o sec'lo d'elle,
Que ha de aos mais que [virão ser firme esteio;»

E, olhando-o, o Poeta vi subindo-o, o seio
Aberto, a harpa na mão, como o *kantele*
Do Runoia immortál de voz que excellê
E se desata em matinal gorgeio.

É mal do grande monte o Poeta ás cimas
Chegou, ferio su' harpa, e tu lo em rola
Ficou cheio dos sons d'aquellas rimas...

É o echo perdura, immorredouro, infundo,
Que aquella voz a Natureza toda
Irá de sec'lo em sec'lo repetindo.

ALBERTO DE OLIVEIRA

O SECULO DE VICTOR HUGO

O Vulto colossal que, atravez dos espaços
E do tempo atravez, pelo mundo era visto,
Afastou-se, se quindo as pégadas do Christo,
E d'elle só se escuta, agora, o som dos passos

Perdendo-se do Azul pela abobada... Os braços
O Povo estende, afflicto, ao grande Heroe bemquisto;
E, ao longe, ouço o gemer das cytharas e assisto
Ao Parnaso ruindo em sonoros fracassos!

Não poudo o Heroe transpor o seculo; portanto,
Que este o sepulte — como um sarcophago; e, em volta
Ao Morto, deste Sec'lo o tempo inda restante

Seja como um collar de aljofares de pranto:
Cada dia cahirá — como lagrima solta —
No leito em que estiver repousado o Gigante!

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

« Sr. Redactor.— Procurando corresponder á subida honra que recebi da redacção da *Semana*, li e estudei attentamente os sonetos a premio, para d'elles escolher os tres que julgasso meliores.

E' embaraçosa e difficil a honrosissima missão de que me encarregou a illustre redacção, pois que, humilissima e obscura, não me cabia, a mim, julgar trabalhos de poetas conhecidos e de ha muito laureados. Obedeço pois com timidez, pedindo indulto para a minha quem sabe? desacertada escolha. Eil-a :

Parece-me merecer o primeiro logar o n. 32, por ter perfectas idéa, forma, grammatica, metrificacão, harmonia e, o que não é para desprezar, por fechar com chave de ouro.

O segundo logar cabe ao n. 29, por ter formosissimas a idéa e a forma, ainda que não me satisfazem plenamente o 4º verso :

—Que ha de aos mais que virão ser firme esteio
e o 5.º:

E olhando-o o Poeta vi subindo-o o seio...

Acho tambem menos bom o 12º verso, por ser um pouco forçada a primeira syllaba :

E o echo perdura immorredouro, infindo.

Para o terceiro logar tenho com iguaes merecimentos os ns. 6, 10, 30, 35, 36 e 42.

Qual escolher? Vejamos: O n. 6 tem bollas a idéa e a forma, mas não me agradam o 8º e 10º versos :

—Ao Parnaso ruindo em sonóros fracassos
e—Que este o sepulte—como um sarcophago
e em volta...

Este ultimo é bastante duro.

O n. 10, além de ter rimas agudas nos quartetos, tem frouxo o segundo hemistichio do verso 10º :

—Aguarda os immortaes no *Alcaçar* da Gloria.

Poderia o poeta ter dito «no Pantheon da Gloria» e melhoraria o verso.

O n. 30 tem unicamente contra si o chamar o auctor a Victor Hugo o maior dos doudos; ainda assim, attendendo aos *menores* apontados, é glorioso o ser doudo. E' bonito e bem acabado o soneto.

O 35, tem boas, idéa e fórma; seria apenas para desejar mais força no ultimo verso; por exemplo, em vez de :

—Era a vida fraca para sustel-a

podia o poeta ter dito :

—Era a terra fraca para sustel-a—
depois, esta imagem foi empregada, entre outros, por Soares de Passos e Thomaz Ribeiro.

Do 36, formoso soneto, só quereria tirar o adjectivo —ternissimo que o enfraquece.

O n. 42, não tem talvez tanta novidade como outros, mas em compensação, não tem defeito algum. Se eu o pudesse ter feito, mudaria sómente o 11º verso, e diria :

—Voou qual flecha, que as alturas corta.

Como é difficil a escolha!

Vamos... é preciso tomar uma resolução. Pois bem, consinta, que eu não separe os ns. 30 e 42 e os classifique juntos em 3º logar.

A tarefa espinhosa do desempate, deixo-a aos distinctissimos juizes, os Srs.

Machado de Assis e Lucio de Mendonça, que, muitissimo mais competentes do que eu, saberão fazer inteira justiça.

De V. S. muito agradecida admiradora.—*Adelina Amelia Lopes Vieira.*»

P. S. Visto o pedido da redacção, decidi-me pelo 42, mesmo por não lhe pertencer o verso que desejaria ter mudado.
Corte, 21 de Setembro de 1885.

Illm. Sr. Redactor.—Agradecendo a graciosissima carta que me dirigiu, apresso-me a responder declarando que recebi os 45 sonetos a premio numerados e sem assignatura, e que d'elles escolhi os de ns. 32, 29 e 42 para os 1º, 2º e 3º logares, pelos motivos que lhe expliquei em carta, ao reenviar-lh'os, ignorando *absolutamente*, quaes os seus auctores.

Da sua admiradora agradecidissima.
—*Adelina Amelia Lopes Vieira.*

Rio 28 de Outubro de 1885.

Illm. amigo e collega Sr. Dr. Valentim Magalhães.—Recebi de V. a incumbencia de fazer parte de uma commissão que tem de escolher tres sonetos entre os quarenta e cinco recolhidos pela *Semana*, por occasião da morte de V. Hugo.

Devolvendo os sonetos que acompanharam a carta de V. declaro-lhe que, a meu ver, podem ser escolhidos para os premios annunciados os de ns. 32, 24 e 29. Ha ainda dois ou tres, que poderiam occupar o terceiro logar; mas, conquanto alguns defectos de forma sejam communs ao outro, pareceu-me que neste avultavam menos, e d'ahi a escolha. Analogos senões se podem notar nos de ns. 32 e 24, e principalmente neste, mas ha nelles uma idéa poetica, exposta com clareza e fidelidade.

Não é preciso advertir que a escolha é relativa, nem lembrar ainda, (o que fica dito), que os sonetos apontados não tem aquelle emulo de perfeição que ha direito de exigir de um poema tão curto.

Disponha de quem é

Collega, admirador e amigo obrigado.—*Machado de Assis.*

« A Illustrada redacção d' *A Semana*. —Classifico em 1º logar o soneto n. 24; em 2º, o n. 32; e em 3º, o n. 6.

Dou a primazia ao n. 21 pela belleza da concepção geral, e, principalmente, pela encantadora graça dos tercetos, dos quaes o ultimo é devêras primoroso.

Reconheço, entretanto, que o n. 32, posto que menos original na idéa, que, aliás, é bella, tem execução mais egual, mais harmoniosa.

Para o 3º logar, hesitei algum tempo entre o soneto preferido e o n. 4; decidi-me pelo primeiro, seduzido pela imagem com que termina.

Na leitura geral, discriminei, para mais detido exame e confronto, além dos quatro sonetos indicados, que desde logo preferi, ainda os ns. 20, 29, 42 e 2. Qualquer d'estes ultimos quatro tem bellezas, mas tambem fraquezas e máculas.

Formei ainda uma classe dos absolutamente ruins com os ns. 16, 19, 26, 41 e 41.

Eis o meu voto sincero e meditado. Não sei até que ponto estará de accordo

com os dos illustres arbitros a que essa redacção deu-me a inumeravel honra de associar-me.

Valença, 24 de Outubro de 1885.

Lucio de Mendonça.

Valentim. Valença, 28 de Outubro de 1885.—Respondo á tua carta de ante-hontem, que os sonetos do concurso instituido pela *Semana* me foram enviados em copias por uma mesma letra, numerados e sem qualquer indicação de quem fossem os respectivos auctores; e os pedidos de informação que te dirigi sómente com o meu voto já proferido e irretractavel demonstram assaz que eu apenas podia fazer conjecturas acerca de tal autoria,—conjecturas realmente fiz e fallaram pela maior parte, attribuindo eu a Filinto de Almeida o soneto que preferi e que era de Soares de Souza Junior, e a Raymundo Corrêa (que sei agora que não concorreu) o que classifiquei em 2º logar, e os outros dois juizes em 1º, e que era de M. V.

Eis a inteira verdade sobre o assumpto de tua carta a que respondo.

Teu—*Lucio de Mendonça.*

Meu caro Valentim.—Acabo de passar em revisita os 45 sonetos, que, sob o commando d' *A Semana*, formaram em continencia deante da memoria de Victor Hugo.

E' um luzido batalhão, tão rigorosamente uniformizado, que, de nenhum de seus soldados, se pode suspeitar sequer a procedencia ou filiação. Eis, no meu parecer, os respectivos postos: —Ao de n. 32,—pelo nobre e activo aspecto, pelo ardimento, pelo garbo he, ro.co, pela força, pela agilidade, pela graça,—compete inlubitavelmente o bastão de Marechal. Seguem-se-lhe, como Brigadeiros, os de ns. 24 e 6, o primeiro effectivo, o segundo graduado. Ha —os Majores, Capitães, Tenentes, Alferes, Sargentos e alguns—soldados razos, razissimos:—coxos, zarrhos, sem pensamento nem forma, de uma indisciplina metrica revoltante... Conde de Lippe n'esses, General Valentim:—d'a-lhes baixa, arranca-lhes a farda, applica-lhes as chibatadas do ridiculo,—fuzila-os. Apresentaram-se d'aquella maneira em parada de gala... um horror!

Póde bem ser que provenha simplesmente este juizo da minha incompetencia. Como sabes, nas phalanges do Parnaso jamais passei de uma especie de Tenente-coronel da guarda nacional da roça,—e isso mesmo honorarioe *in illo tempore*. Escolheram-me para arbitro n'este certamen pela mesma razão porque em geral entre nós é nomeado ministro da guerra individuo que, em materia de militança, não sabe distinguir, á primeira vista, um cabo de esquadra d'um cabo submarino ou de um cabo de vassoura. E com esta, *alto!*

Ahi vão os sonetos: *Honbró arma, ordinario marche...*

Accepta as continencias do ex-tenente-coronel... ora essa... do teu amigo

Afonso Celso Junior.

28-10-1885.

P. S. Modifico a minha classificação, collocando em 3º logar o de n. 29, por que sou forçado a isso pelo facto de já haver elle reunido dois votos. Continuo, entretanto, a dar preferencia ao de n. 6.

Afonso Celso Junior.

POLITICA E POLITICOS

Vão mar em fóra os *coroados*.

Fartos de visitas, magoados por essa curiosidade dos civilizados, a lhes perturbar as saudosas reminiscencias da mattaria densa, farfalliante e amiga, que tão distante era, levam aos seus irmãos noticia fresca e variada de nós outros, selvagens mais alegres e menos despidos.

Nós a admirar a sua impassibilidade, o altivo silencio, a indifferença aristocratica ante a chusma de curiosos, e elles a criticar dos barbaros ociosos e bulhentos que tanto se preocupavam com a nudez dos seus corpos, espiando as suas mulheres, intromettendo-se no seu viver.

Verdade é que nem todos os visitantes vinham sorridentes. Traziam alguns a seriedade pantafaçada, feita de encomenda e tida em conta de artigo de primeira necessidade, traduzindo, no comprimento da sobrecasaca, na largura dos punhos, no esticado dos colarinhos—a circumspecção, o espirito de ordem, a sisedez barata.

Seriedade ao serviço dos que censuram a franquesa de physionomia, a naturalidade do gesto educado, e que se manifesta na palavra medida e quasi sempre incorrecta, embrulhando hypocritamente o pensamento chocho, banal, semelhante ao de todo o mundo; mas que não poupa repinicos de malevolencia, quando, descido o panno das convenções, saltéa alheia reputação e alheios brios.

Foram os selvicolas, ora em viagem, um trambolho para o recém-nato governo, apanhando-o ainda em festas de baptisado, e assim quasi desarreido de tramoiás e escapúlas, mesinha tão de uso constante em todas as emergencias.

Entregues ao ministerio da guerra, este, não lhes achando geito á lingua cascalhada, e não lhes podendo dar abrigo, confiou-os á sciencia philologica do collega da julitica, reclamando hospitalidade para os *coroados*... sem manto e sem cadeira de leões de ouro. E lá foram os hospedes para o quartel de Policia, nova Ilha das Flores, dos bugres reclamantes.

Foram convocados os mestres em idiomas caboclos, folhearam-se grossos volumes em que se narravam cousas de bugres, e, mau grado o esforço, os selvicolas nem entendiam os sabios, nem se faziam entender.

E zangou-se a sciencia do governo. Ella, tão superior e tão boa, perder tempo em tentamen de favor, e os bugres calados!

Nem manejam lingua tupy os aquartelados,—disseram,—nem merece interprete o arruinado patuá com que transmittem idéas.

E ficaram os *coroados*, sem o auxilio da sciencia official, na contingencia de guardarem consigo as revellações preciosas trazidas das mattas.

Ao partirem, soube-se que fóra motivo da viagem ás terras de Guanabara, reclamarem contra depredações e correrias dos brancos.

E para isso mandou-os o presidente da provincia, com a esperanza de segura justiça, e ahí vão os miseros desprovidos, sem que lhes attendessem á queixa, e ainda por cima tidos em conta de quasi mudos.

Agradeça o povo a diversão fornecida pelo governo, dando-lhe em espectáculo *coroados* seminús, já que aos bugres não aproveitou a viagem.

ORYC.

COFRE DAS GRAÇAS

Na noite da primeira representação do *Conde de Monte Christo*, no Recreio Dramatico, ouviu-se o seguinte dialogo entre honrados burguezes:

— Quem é o protagonista da peça?
— E' o Dias Braga; faz o Edmundo Dantes.

— Dantes, não: Dantés.
— Que asneira! Edmundo Dantes, depois Conde de Monte Christo.

Num espectáculo de gala, em S. Paulo, um sujeito recitou de um camarote uma detestavel poesia.

Esse facto lamentavel foi contado no dia seguinte pelo Figueiredo Coimbra deste modo:

— O F. recitou hontem do um camarote de segunda ordem uma poesia de terceira.

Um typo costumava ir todos os dias ao Garnier pedir um livro de Victor Hugo — *para ver isto ou aquillo*.

Uma noite em que o homem — bengala entrava, perguntou-lhe o caixeiro, victima das quotidianas importunações:

— Então, que quer hoje *ver d'Hugo*?

— Como passou?
— Bem, obrigado.

Que infeliz! Passa bem,—mas obrigado.

BIBIANO.

TRATOS Á BOLA

Circumspectos charadistas,
O' bons *tratistas* da gemma,
Vós, que cançaes vossas vistas
A resolver agora o bom problema,

E logo o logogrypho duro e terso,
Mais a charada
Damnada,

E mais o enyigma perverso
E a telegraphica amada;

Eu, que vos amo e idolatro,
Tanto quanto odeio o arroz,
Que vos dou o diabo a 4,
Tratistes a 3 por 2;

Prazeiteiro, não burlesco,
Muito alegre e nada sonso,
Que p'ra o luxo principesco
Olho de esconso,

E que só busco alegrar-vos,
Trazer-vos o riso á face,
E não desejo cantar-vos
O *requiescat in pace*;

Vou vos dar muita fazenda:
Ides ter panno p'ra mangas,
E espero que, nesta senda,
Não sejaes pangas!

Acho muito conveniente, agora, que já fiz os *rapapés* do estylo, interromper o meu assaz inspirado canto, para vos dizer, na mais fufia das prosas, quaes foram os vencedores dos *tratos* ultimos. Recebi 46 cartas: mas, d'essas cartas, só 7 traziam decifrações exactas.

Decifraram aquella moxinifada *enyigma*—*charadistica*, os 7 heroicos batalhadores, que se chamam:

Fricinal Vassico, *Valerius Madilena*, *Ocirebla Arievalo*, *D. D. Josephina B.*, *Emerenciana da S.*, *J. C. S.*, *Tabajára*, *Seu Nico*. *Boccacio* não decifrou a proverbial. Coube, porém o 1º premio ao Sr. *Fricinal Vassico* e o 2º a *D. Josephina B.* Podem mandal-os buscar. Querem saber o que lhes está reservado?

E', nada mais, nada menos, que um exemplar das *Auroras*, edição de luxo, para o primeiro e a *Evangelina*, de Longfelow, em portuguez, para o segundo.

Ao benemerito *tratista* Fricinal, de conformidade com o seu pedido, remetto-lhe, além do premio, a minha benção.

Eis as decifrações das *tratistes* ultimas:

Do logogrypho: *palmatoria*, das verbases: 1.ª *terçado*, 2.ª *Porcina*; da ultranovissima: *do-dado-soldado*, da novissima: *morcego*; da proverbial: *duro com duro não faz bom muro*; e finalmente da em terciã,—por se prestar a duas decifrações,—a decifração, segundo uns (e concordando com o auctor) é

Ira
Rez
Aza.

Segundo outros é

Ala
Liz
Aza.

¶E pela razão de ser esta charada biforme, não posso deixar de dar razão... quer a uns, quer a outros dos decifra-dores.

Agora, acho que é tempo de vos enviar um punhado de *enygmatices charadonicas*:

NOVISSIMA

1—2— Com uma do morro precipitata-se, e é menos que o pó do viajante.

ULTRA-NOVISSIMA

1.ª, 2.ª, 3.ª, 4.ª—Substantivo de páu.
2.ª, 3.ª, 4.ª—Substantivo corporal.
3.ª, 4.ª—Substantivo agradável
4.ª—Substantivo nautico.

DECAPITADA

(Por syllabas)

Como é macia—a dama
Tral-a consigo.—
Este senhor se chama,—
E mais não digo.

ANTEPOSTA

5—Bella Cora não vio a cidade.

QUEBRA-CABEÇAS

Ilharo, *Armamar*, *Aljustrel*, *Gouveia*, *Olhão*, *Mangualde*, *Oeiras*, *Horta*, *Reguengos*, *Odemira*, *Tavira*, *Redondo*, *Anadia*, *Lourinhã*.

Formar com as iniciaes desses nomes, collocados em ordem, o nome de um escriptor portuguez.

ANTIGA

A's avessas—voz latina—1
A's direitas—voz latina—2
A's avessas—voz latina—1
A's direitas—voz latina—2.

Devide agora a charada
Pelo meio, exactamente,
Duas partes bem eguaes
Acharás perfeitamente.
Dizer mal é minha sina
Mas não mal-dizer, ouviu?
Que Deus livre do meu mal
Aquelle que não sentio.

LOGOGRYPHO

Esta da mesa é soffrivel,—1, 2, 4.
Bem como este sobre-nome.—3, 6, 7, 8, 9.
D'esta marca é bem bebivel.—2, 9, 8, 7.
Traz o roário na mão,—1, 2, 3, 4, 5, 6.
Mas só demonstra, não come;—6, 7, 8, 9.
Cae d'alguma bocca horrivel,—3, 4, 2, 1.
Mas é da religião.

E prompto: *Ite, missa est.*

Agora, feito o meu trabalhinho, vou cahir numa *beriga* horrorosa, numa pandega de fazer arripiar couro e cabello. Que conceito fazeis de mim? que sou por ahí algum *padreco* bisonho, macerado pelos jejuns?! Já fui assim, valhia a verdade, mas isto quando vivia encerrado no velho mosteiro de Macacú; mas aqui, em plena *Sebastianopolis*! assim fosse eu tolo!...

E' pilhar occasião, e é dizer o que têm dito todos os padres de todos os tempos, quando caem no *sorrobodó*:

« Não sou padre não sou nada, sou um homem como os mais.»

Por isso até sabbado. Para os decifradores d'essas *tratologias*, offerece *A Semana* por intermedio da minha reverenda pessoa uma assignatura de semestre (1886) para o primeiro e uma de trimestre para o segundo.

E agora, trocado o burel pelo frak elegante,

Cuspindo no demonio,
Gratissimo, agradece
Quem vos ama e estremece,
O humilde

FREI ANTONIO.

THEATROS

CENDRILLON

Manda o programma que se veja o —argumento—e, na pagina central traz o entrecho da peça com a divisão dos actos e mais condimentos da pragmatica annunciante.

Em presença do—Principe Arthur, deante das suas meias azues e da pluma volteada do seu gorro donjuanesco, desfilam aristocratas e soberanos, estadistas e generaes.

Repetindo a fabula da—Borrallheira, a pantomima quarta-feira figurada no Polytheama, parece um romance de Ohnetno desfecho victorioso para o plebeu, até então calcado pelo nobre.

Mas o que é adoravel, é ver a meniada arrebentando os modos, tregeitando aqui denguices de cortezania, acolá tomando o aprumo scenico de um rei.

Parece que a varinha de condão da fada da pantomima levou-nos a um futuro remoto, a um tempo que ha de vir, e de lá olhando para o mundo de hoje, vemos nas legitimas proporções de mesquinhez a fidalgnia que ainda subsiste, e os reis que ainda governam.

Aquelles cherubins de grandes bigodes e vestes roçagantes, são o instrumento do ridiculo atirado ás instituições moribundas.

O ouro velho dos carros, a fita barata dos cavallos, a belbutina a preço modico das roupas, tudo é o ridiculo, e o burguez moderno, em roda, vae estrugindo os ares com palmeas seguidas, e porque tenha motivo o riso, escancára os labios, n'um cascatear de gargalhada sadia e demolidora.

E passam Napoleão, John Bull, o pançudo, Uncle Sam, o espigado, o Czar, Pedro II e D. Luiz I, Victor Emmanuel e Guilherme d'Allemanha, todos meninos, embaraçando-se nas espadas, com bigodes espetados e cabelleira de muita seriedade.

Anginhos loiros, de carnação rosea e perfumada, alguns mal podendo trigar os passos, inda debeis, vinham dois a dois:—elle, o gentil-homem, empavesado, com um desdem pernalto; ella, saculinda a anquinha, requebrando o corpo em mesuras da muita casquilhice.

E ia e vinha em cerimonia larga, a adoravel miniatura ridicula, enquanto a burguezia e o povo, palmeava ao ler

na tela suspensa o nome de um rei, estrugindo os ares com a gargalhada franca; enquanto sorriam as *momentaneas* sentindo que aquelles reis, *ali tão á mão*, não fossem de verdade.

A empreza do actor Martins levou no sabbado e, em má hora, o drama do Sr. Capitão Fernando Pinto de Almeida, intitulado *Os escravocratas ou a lei de 28 de Setembro*. Dizemos em má hora, porque esse trabalho, cujo merito é inconteste e que teve um desempenho bem regular, veio provar, á vista das vazantes que tem havido no Lucinda, que o nosso publico decididamente não quer saber de peças nacionaes, e veio, talvez, *quod Deus avertat!*—, desanimar o Martins, que se tem mostrado tão esperancoso na sua ardua tarefa de levantar o Theatro Nacional. (Nos é que lhe declaramos que será cousa mais facil deitar abaixo o *Pão d'Assucar*.)

Podiamos dizer aqui muita cousa boa, a proposito do—*Os escravocratas ou a lei de 28 de Setembro*, porque o drama realmente merece, mas para que?

Esta nossa gentinha lê, entra-lhe por um ouvido e sae-lhe pelo outro, e pelo facto de tratar-se de uma producção nacional.

Fosse o Sr. capitão Pinto de Almeida o auctor do *Conde de Monte Christo*, que havia de estar o Dias Braga a vér navios, com a platêa ás moscas. Mas felizmente para o Braga o Sr. capitão não é o *pae do Conde*.

O actor Martins que apresente agora *Os venenos que curam*, de Aluizio Azevedo e Rouède e, se a cousa não for para diante, então agarre-se ao *Alferes Busca-pé* e... viva a palhaçada, o' brava gente brasileira.

A revista do anno que, para o theatro Sant'Anna, estão escrevendo os nossos collegas Valentim Magalhães e Filinto de Almeida acha-se bastante adeantada.

Intitula-se *A mulher-homem*, um titulo realmente curioso, d'esses de por a pulga atraz da orelha do publico. Eu de muito boa vontade explicaria o que vem a ser *A mulher-homem*, se os meus collegas não m'o houvessem expressamente prohibido.

O prologo já está em poder do Heller. Os scenarios serão, na maior parte, pintados pelo grande scenographo Carrancini, que pintou os do *Genio do fogo*. A musica... a musica é por ora segredo.

No proximo sabbado espéro que poderei ser mais indiscreto.

Faz beneficio no Recreio, no dia 9, a distincta pianista Luiza Leonardo, que ha pouco tempo se fez tambem actriz. Representa-se a comedia *As meninas Godin* e ha um concerto final, no qual tocará a beneficiada, que é uma notabilissima interprete de Chopin.

P. TUALMA.

FACTOS E NOTICIAS

Lê-se no *Diario Mercantil*, do dia 3 do corrente:

« O *Diario Mercantil*, que, no primeiro mez da sua publicação, pagou ao correio 60\$000, despendeu no mez de Outubro findo 211\$940, além dos portes dos jornaes para a Europa. Isto quer dizer que o *Diario Mercantil*, em anno e meio, quadruplicou a sua tiragem. »

Parabens, muitos parabens ao excelente e amabilissimo collega paulista.

Realizou-se no dia 31, ás 9 horas da manhã, o lançamento da pedra fundamental da nova capella mortuaria, que os benemeritos Srs. Antonio Ferreira da Silva, Antonio Mendes Campos e Commendador M. P. Fernandes Bravo vão, á sua custa, mandar construir no Hospital dos Lazaros.

A capella teve ser de estylo gothico, ter tres janellas de cada lado e uma no fundo, e dividida em duas salas, sendo uma para cadaveres, outra para autopsias.

Houve depois da cerimonia um bom almoço, onde se trocaram muitos brindes.

Parabens ao Hospital dos Lazaros.

O *Programma Avisador* augmentou pela 5ª vez o seu formato, e, devendo esperar tranquillamente os parabens que os collegas lhe enviariam, não senhor: tira-se dos seus cui lados e presentea-os, em lembrança da festa que houve lá por casa, com uma caixa de pastilhas que fazem uns ricos refrescos.

Muito bem; cresça muitas vezes. *Grazzie*.

Tomáram o gráu de bachareis em Direito no Recife e chegaram, ha dias, a esta Corte os Srs. Raul Ponipeia e Alberto Torres, dois moços de muito talento, que em S. Paulo fizeram brilhantissima figura. O primeiro dos novos doutores é muito conhecido, mesmo nesta capital, pelos seus escriptos e, em rola mais limitada, pela sua notavel habilidade de caricaturista e burilador de estatuetas graciosas. Alberto Torres é poeta melodioso e proador correntio e ameno.

Do primeiro tem *A Semana* publicado alguns trabalhos; do segundo inserirá brevemente um artigo, que certamente não será o unico. Parabens aos nossos jovens collaboradores.

O illustre educador Barão de Macahúbas realizou domingo passado nova conferencia experimental, demonstrativa das excellencias do seu *Apparelho Escolar Multiplo*. Por falta de espaço deixamos de nos occupar hoje com essa conferencia.

Acha-se na corte o distincto jornalista italiano Fernando Turchi, redactor do excellente jornal *Il Garibaldi*, que se publica em S. Paulo.

Comprimntamos o nosso estimavel collega.

LAMPADAS BELGAS

Os Srs. I. Richsen & C., agentes dos fabricantes Lempereur & Bernard, fizeram no dia 1º, em uma casa da rua de Gonçalves Dias, experiencia de umas lampadas modernas para kerozene, que se destinam a fazer uma revolução no problema da illuminação particular. Cada lampada dá a luz equivalente á de 30 velas e dispense apenas 90 grammas de kerosene.

Obtem-se pois, a preço modico, luz melhor que a do gaz, sem se estar sujeito aos perigos que efferece o kerozene ordinario, por via do feitio dos lampões, onde todas inconveniencias estão previstas e evitadas.

Comprimntamos os Srs. I. Richsen & C.

Depois d'amanhan será sujeito a julgamento o processo em que é réu Alberico Delascar de Souza Leite, o assassino do infeliz Julio Candido da Silva. Será defendido pelo Dr. Cyro de Azevedo, que certamente produzirá uma defeza brilhantissima.

COMPANHIA BRAZIL INDUSTRIAL

Effectuou-se no dia 3 a inauguração solenne da grande fabrica de tecidos da importante Companhia Brazil Industrial, na fazenda do Ribeirão de Macacos.

Em um trem especial que sahio da Corte ás 10 e 1/2 da manhã foram, além de S. M. o Imperador e de S. S. A. A. Imperiaes, o presidente do conselho, a directoria da fabrica e um numero enorme de convidados.

Foi uma festa magnifica, a todos os respeito.

O espaço de que dispomos não nos permite dizer mais. Ficará para outra vez.

Agradecemos o convite com que para ella fomos honrados.

COLLABORAÇÃO

SEMPER

A FILINTO D'ALMEIDA

Eu tanto hei de soffrer sem me queixar,
Que tu'alma, meu bem, eu mago enleio,
Hade vir esconder-se no meu seio,
Hade abrigar-se á sombra do meu lar.

Desta paixão audaz, podes zombar
E rir do meu affecto! Eu não te odeio!
Pois quanto mais padego, mais aneio,
Ir os teus pés, do pranto meu banhar.

Ao ver-te desdenhosa mais te quero,
Mais doidamente te amo e te venero,
E de rastros o teu amor imploro!

E se julgas loucura o meu tormento,
Arranca-te ao meu triste pensamento:
Pois quanto mais me feres mais te adoro !!!
Côrte, Outubro 85.

ADRIÃO DE CASTRO.

RECEBEMOS

— Discursos de Affonso Celso Junior, proferidos durante a sessão legislativa de 1885.

— Le Brésil, n. 9, publicação hebdomadaria que advoga os interesses do Brasil em Antuerpia.

— Relatorio da Associação dos Empregados no Commercio do Rio de Janeiro e os Novos estatutos da mesma associação.

— O n. 7 do Domingo, publicação semanal, que apparece em S. João d'El-Rei.

— Do Sr. José de Mello, agente os Srs. David Corazzi & C., de Lisboa.—Bernardo de Pailly, n. 15 da Biographia dos homens celebres dos tempos antigos e modernos e os fasciculos ns. 113 e 114 da Bibliotheca do povo e das escolas; o primeiro trata da Architectura, illustrado com 65 estampas; e o segundo trata dos Insectos, contendo 31 estampas que illustram o texto.

— O n. 420 da Revista Illustrada, em que o lapis do Angelo Agostini teve maravilhas de humour na primeira e ultima paginas e correção e inspiração na pagina do centro, em que, apresentando aos seus innumerados assinantes os trabalhos de R. Bernardelli, presentea-os tambem com um magnifico trabalho seu.

— O n. 389 do Mequetrefe, onde, e como sempre o Netto se esmerou nas carapuças que o seu lapis... ridoendo castigat mores...

— O n. 56 da Distracção.

— «Martha ou o Genio do Mal», drama original, em 3 actos, do Sr. Serafim M. dos Santos Lima, que no dizer do frontespicio foi representado em Cantagallo com applausos unanimes. Oh Sr. Serafim M. dos Santos Lima, admiramos-lhe a paciencia com que observou que os applausos foram unanimes!

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

Dr. Henrique de Sa, especialista de syphilis e molestias das crianças.—Rua Primeiro de Março, 22 (consultas do meio-dia ás 2 horas) — Residencia: Rua de S. Clemente, 165 A.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

Portuguez, francez e Inglez —Professor Rodolpho Porciuncula. Recados nesta folha.

DR. GONZAGA FILHO

CONSULTORIO E RESIDENCIA

Rua Visconde de Inhaúma, 61

CONSULTAS DE 12 ÁS 3 DA TARDE

Especialidades:

Febres em geral, molestias pulmonares e do coração.

JUVENATO OURO-FINENSE

INSTRUCÇÃO PRIMARIA E SECUNDARIA

NA

Provincia de Minas

A CINCOENTA E QUATRO KILOMETROS DA PENHA DE MOGY-MIRIM, DE S. PAULO

Ensino pratico das linguas, intuitivo das sciencias.

Preparo das faculdades pelas (LIÇÕES DE COUSAS).

Anno lectivo de 10 mezes.

A matricula em qualquer epoca; só é pagavel o tempo da frequencia de cada alumno.

O 2º anno lectivo começa a 3 de Novembro proximo.

Ouro-Fino, Minas, 19 de Outubro de 1885.

O DIRECTOR.—Antonio Francisco Furtado de Mendonça Filho.

RELOJOARIA

DE

ALFREDO CEZAR DA SILVEIRA

Casa acreditada para concertos de relogios

67 RUA DA SASEMBLEA 67

CHRONICA FRANCO-BRAZILEIRA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL EM PARIZ

REDACTOR EM-CHEFE: Lopes Trovão. ADMINISTRADOR: F. Castelli.

ASSIGNATURAS PARA O BRAZIL

Um anno. 10\$000
Seis mezes 6\$000

Tomam-se assignaturas e annuncios no escriptorio d'A SEMANA.

DR. ARAUJO FILHO

MEDICO PARTEIRO

RESIDENCIA

Rua do Visconde do Rio Branco n.36.

Collegio Universitario Fluminense

NO FIM DA RUA DO BARÃO DE ITAPAGUÉ

(Antiga da Bella Vista)

No alto do Engenho Velho, logar onde nunca houve epidemia de especie alguma, funciona em edificio e com dependencias expressamente construidas para o fim a que se destina.

Deseja a visita dos interessados, tãnao nacionaes como estrangeiros, da corte ou do interior.

Reinnettem-se prospectos pelo corrcio a quem os sollicitar á directoria.

A PROVINCIA DO ESPIRITO SANTO

FOLHA DIARIA, CONSAGRADA AOS INTERESSES PROVINCIAES

Redactores:

Moniz Freire e Cleto Nunes

Tiragem 1500 exemplares

Discute os interesses provincoiaes, publica na integra os debates da Assembléa Provincial, dá resumo completo de todo o movimento administrativo do governo da provincia, mantem um serviço telegraphico com a capital do Imperio, e tem correspondentes na Corte, em Pariz, no Recife e em todas as localidades da provincia.

Assigna-se a 12\$000 por anno (sem sello) e 15\$000 com sello.

Por sua elevada circulação, até agora não attingida no Espirito-Santo por outro qualquer jornal, A Provincia recommenda-se á preferencia dos Srs. negociantes, industriaes, etc., para inserção de annuncios, reclames, avisos, etc.

Correspondente em Pariz

PARA ANNUNCIOS E RECLAMES O Sr. Alberto Lorette—Rua de Ste. Anne, 51 bis. No Rio de Janeiro Dr. Deolindo Maciel, rua da Alfandega n. 155 (2º andar) e B. T. Magalhães Bastos, rua do Rosario 125.

ESCRITORIO DA REDACÇÃO:

Rua do Commercio 31 (1º andar)

VICTORIA

COLLEGIO NEVES

Instrucção Primaria e Secundaria

Estabelecido em vasto predio, com grande chacara, offerece as melhores condições hygienicas.

Recebe internos, externo, e meio pensionistas.

Leccfonam habeis e zelosos professores.

Rua Barão de S. Felix n. 98